

Praia, 23 de Abril de 1988.-

Camarada Secretário Geral Adjunto do PAICV

Não é hábito, infelizmente, em Cabo Verde, os militantes da base escreverem à direcção do Partido, manifestando as suas opiniões e sentimentos em relação aos diversos factos políticos.

Por isso, peço que não estranhe e não considere ousadia demasiada esta minha iniciativa de escrever-lhe. Penso, aliás, que a direcção do Partido só tem a ganhar se puder dispor com frequência deste complemento de "feedback" para além daquele que lhe chega através dos relatórios das estruturas partidárias.

O que me levou a escrever-lhe é a intenção de manifestar-lhe a minha opinião sobre a teor da entrevista que concedeu ao "Le Courier" ACP-CEE n.º107, Janeiro-Fevereiro de 1988, no qual afirma (tradução livre): "Não diria que somos revolucionários. Nós somos reformistas. Creio que a revolução se faz num certo momento da ruptura. Após isso, fazem-se reformas progressistas ou progressivas. Nunca assumimos o papel de um partido revolucionário, no sentido de grande ruptura!"

A minha preocupação prende-se com a possibilidade de tal declaração ser passível de interpretações outras que a que, estou certo, quis dar. Isso porque, como sabe, em ciência política certas categorias tem um significado próprio e preciso, hoje quase universalmente válidos. É o caso de palavras "revolucionário", "reformista", "partido revolucionário" etc; que, apesar de pequenas "nuances" de princípios; aqui e acolá têm conotação, sobretudo no que se refere aos métodos, mas também nos objectivos perseguidos.

Digo passível de outras interpretações, especialmente por gente mal-intencionada ou então pouco informada daquilo que se passa em Cabo Verde. Porque, aparentemente, tal declaração contrária frontalmente a interpretação que Amílcar Cabral dava à revolução. Não preciso dar-me ao trabalho de citar-lhe a si, que conheceu Cabral perfeitamente, as asserções dele em diferentes ocasiões históricas, sobre a revolução e as suas implicações na vida das nossas populações, na transformação das mentalidades, na participação popular, na criação do Homem Novo, na transformação das relações sociais, na natureza do poder, no tipo de partido, etc.

.../

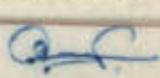
Mais, contraria a própria realidade dos 13 anos de independência, e de laboriosa construção de um pouco de tudo aquilo que propõe o Programa do Partido.

Enquanto isso, e apesar de todas as evoluções da terminologia política, o reformismo não deixa de ser conotado com pequenas alterações, em soluções mais ou menos tecnocráticas, que não alteram os dados de fundo, reformismo toca os mecanismos mas não os homens. Essa é a aceção que está presente em muitos militantes, mesmo daqueles que consideram longe as querelas da II Internacional, Kautsky, a social-democracia e o reformismo como renuncia a transformar a ordem estabelecida. Eu diria que o reformismo, tal como é concebido, não deixa lugar à participação popular, ao Homem Novo, à liquidação da exploração do homem pelo homem, à independência económica e tantos belos ideais que conquistaram a sua geração e a minha também, e por cuja concretização vimos, juntos lutando.

Não querendo abusar da sua paciência e do seu tempo, aproveitaria a oportunidade para chamar a sua atenção para algo que penso ser um problema muito sério na nossa experiência, e que, de algum modo, tem a ver com o assunto atrás exposto. Eu chamo-o um problema de comunicação. Não é novidade nenhuma que temos falta de comunicação em C. Verde. A fragilidade dos nossos meios de comunicação é conhecida e referida por todos. Mas creio que não devíamos ficar pela lamentação.

A minha sugestão iria pedir um pouco mais de sacrifício à direcção do Partido, mas creio que, como eu, muitos outros militantes poderiam esforçar-se por ser de alguma ajuda, naquilo que pudermos.

Vejam a seguinte perspectiva: Em 1974-75 vivia-se uma outra época é certo, mas obtivemos níveis de comunicação muito superiores ao de hoje, tanto em rapidez de veiculação da mensagem, como na resposta do povo. E tínhamos infinitamente menos meios de comunicação! Porquê? Creio que uma análise profunda exigia que passássemos revista a todo o nosso sistema, fundamentalmente ao papel das estruturas do Partido. Isso exige tempo. Mas, existe um dado que é facilmente verificável. Diminuiu, consideravelmente, a melhor forma de comunicação que utilizámos até hoje, melhor que a televisão - a do dirigente directamente com as massas, ao vivo. Mas, a meu ver, o problema não se resume a quantidade diminuta destes encontros salutares. É, sobretudo, a eficácia da comunicação que me suscita interrogações. Creio que a linguagem utilizada evoluiu de conceitos muito simples e claros, rapidamente perceptíveis pela totalidade da população, para o discurso político elaborado, que manipula conceitos abstractos e que, por isso mesmo, só é descodificado por uma parte da população - os iniciados na política. Como Estado moderno, vivendo inserido numa comunidade de nações, da qual depende muito do nosso quotidiano, não restam dúvidas que o discurso de Estado tem o seu lugar. Por outro lado, é sabido que nenhum projecto, por mais belo que ele seja, será apoiado pelo povo se este não o compreender, se não o sentir como o seu projecto.



Isso exige a explicação diária, paciente, cabal do entrosamento de cada pormenor com o resultado final. Em meu entender, esta lacuna que considero um sério problema de comunicação, pode ser aproveitada - está sendo - pelo inimigo. E, corremos o risco de chegar à situação algo caricata de ter o apoio, compreensão e até o elogio justificado de gente politicamente bem formada por este mundo fora, cotejando com a aceitação automatizada, a indeferença e o cepticismo de caboverdianos, sobretudo daqueles que beneficiam da obra construída, seja porque não a compreendem, seja porque não estão sujeitos a uma pressão social, imposta por uma certa moralidade revolucionária.

A moralidade é outra questão. Não creio que se resolva administrativamente, com processos e inquéritos a uns poucos casos, geralmente apontados. A solução, creio eu, é preventiva, criando um ambiente de mais crítica aberta e franca e de maior transparência de cada processo, fazendo com que cada um sinta que tem contas a prestar publicamente.

Penso, aliás, que a tônica teria de ser dada por um certo estilo, uma certa postura da direcção. As nossas vitórias devem ser cantadas - e são. A generalidade do público sabe e, regra geral, o caboverdiano tem orgulho do que é a sua pátria hoje. Mas o nosso meio é pequeno. As nossas falhas são também conhecidas.

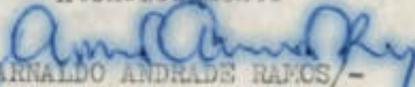
Não deveríamos deixar ao adversário a iniciativa da crítica e reservar-nos a defesa, sempre a defesa. Creio que foi Fidel Castro que, recentemente, disse a um jornalista italiano. "Sim, eu agora sou chefe da oposição, em Cuba. E isso é uma coisa boa, quando se tem a situação de Partido único! Ressalvadas as devidas distâncias, não pude deixar de achar interessante a afirmação e, sobretudo a argumentação, habitualmente lúcida de Fidel.

Ja vai longa a carta que queria que não lhe tomasse tempo, pois sei quanto é valioso para os seus múltiplos afazeres e responsabilidades. Gostaria como nota final de recordar-lhe que a iniciativa de escrever-lhe foi tomada dentro do maior espírito partidário, na qualidade de militante e no intuito de contribuir para a causa comum, isto é, não tem a intenção de destruir nada, pelo contrário.

Queira aceitar a expressão da minha elevada consideração, estima e respeito.

Saudações Fraternais

Atenciosamente

  
-//ARNALDO ANDRADE RAMOS/-

P.S.- Não peço que me responda por razões que avalio perfeitamente.

Gostaria simplesmente de saber que a carta chegou às suas mãos